



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
CIENCIAS EXATAS E DA NATUREZA**

**CONHECIMENTO ETNOECOLÓGICO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS
PESQUEIROS NA TERRA INDÍGENA JUMINÃ**

PRISCILA BARBOSA DE FREITAS

OIAPOQUE,

2016

PRISCILA BARBOSA DE FREITAS

**CONHECIMENTO ETNOECOLÓGICO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS
PESQUEIROS NA TERRA INDÍGENA JUMINÃ**

Monografia de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Curso de Licenciatura
Intercultural Indígena da Universidade Federal
do Amapá - UNIFAP, como requisito para
obtenção do Nível Superior em Licenciatura
Intercultural Indígena – Habilitação Ciências
Exatas e da Natureza..

Orientador: Prof. Dr. Wallace Silva do Nascimento

**OIAPOQUE,
2016**

Título: Conhecimento Etnoecológico e Conservação dos Recursos Pesqueiros Na Terra Indígena Juminã.

Graduanda: PRISCILA BARBOSA DE FREITAS

Data de apresentação: 10 de Agosto de 2016

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, como requisito para obtenção do Nível Superior em Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação Ciências Exatas e da Natureza.

Banca Examinadora:

Dr. Wallace Silva do Nascimento
Universidade Federal do Amapá, AP

Esp. Francisco Diego Barros Barata
Universidade Federal do Amapá, AP

Oiapoque, AP

2016

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo conforto nos momentos difícil da minha caminhada acadêmica.

À Universidade Federal do Amapá e a Coordenação do Curso em Licenciatura Intercultural Indígena pela oportunidade da realização da graduação.

A meus familiares em especial meus Filhos, minha Mãe que são meu alicerce.

A todos os professores que colaboraram com minha formação.

A meu orientador professor Wallace Nascimento.

A todos meus amigos, em especial Joenis Pereira, Ana Paula de Nobrega e Domingos Santa Rosa.

As lideranças da aldeia de Kunanã (Silvio Nunes Vidal)e Uahá (Edelson Nunes)

A todos os moradores das comunidades de Kunanã e Uaha .

A todos vocês, muito obrigado.

“De grandes predadores, como ainda somos conhecidos lá fora, estamos passando para sermos grandes preservadores dos recursos naturais. Ainda dá tempo de ajudar a natureza a se recuperar”.

Cacique Silvio – Aldeia de Kunanã

SUMÁRIO

RESUMO	6
HEZUM	7
RELAÇÃO DE FIGURAS	8
1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Breve Histórico Atual dos Povos Indígena o Município de Oiapoque	12
2. OBJETIVOS	14
2.1 Geral	14
2.2 Específicos	14
3. MATERIAIS E MÉTODOS	16
3.1 Área de estudo	16
3.2 Coleta de dados	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1. Recursos Pesqueiros e seus Múltiplos Significados	20
4.1.2. <i>Mito da mãe do lago (mãe dos jijos)</i>	21
4.1.3. <i>Representações dos peixes em grafismos</i>	22
4.1.4. <i>Instrumentos de captura de peixes na Terra indígena Juminã</i>	24
4.1.5. <i>Locais de Captura e Peixe na Terra Indígena Juminã</i>	25
4.3. Peixes mais Capturados na Terra Indígena de Juminã	27
4.4. Diagnostico do Conflito de Pesca na Terra Indígena Juminã	33
4.5. Firmando Acordo Interno para Preservação dos Recursos Pesqueiro Na T.I Juminã	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	40
APÊNDICES	41

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo Alertar a comunidade sobre a conservação do “berçário de peixe” e incentivar a pactuação de acordos de uso dos recursos naturais aquáticos, documentar mitos relacionados aos recursos pesqueiros, auxiliar na conservação do meio ambiente enquanto espaço de manutenção do modo de vida indígena. As atividades ocorreram entre os anos de 2014 e 2015, inicialmente foram realizadas entrevistas através de questionários com os moradores das aldeias Kunanã e Uaha, foram identificados os interesses das comunidades acerca da conservação dos recursos pesqueiros, posteriormente foram realizadas reuniões e oficinas sobre a importância da preservação dos recursos pesqueiros. Ao final do processo de conscientização foi proposto e pactuado um acordo de pesca, este acordo foi pactuado entre os líderes das aldeias, a FUNAI e IBAMA.

Palavras-chaves: Conhecimento tradicional; Acordo de pesca; Conservação; Terras indígenas.

HEZUM

Sa travai-la gâiê kun objetiv dji aviatir kumuniter dji late êdjê Juminã e bai fós pu hâjmã dji pex dji matehial dji djilo, pu fe i ekhi extua dji material dji la péx. I de la Kôsehvasiô dji mâie dji viv dji edje. Thavai-iela fét la anê 2014 e 2015. Phomiêma no utilize ghavasiô dji itrevist ki no fe i um kestioné dji mun ka hete la vilaj Kunanã i Uaha. No idêtxi fike boku êtehe dji kumunite-iela a hespek dji kôsehvasiô dji matehial. Ævã mo fe um kôfehãs i um ofisin dji kumã i iponhã phuezehve as matehial dji la péx-iela. A la fê dji fe mun-iela save i kôpham tut as bagaj-iela. Sa hâjmã-la ie fêl tutâsam ke mun dji kumunite-la i lidehas-iela, FUNAI i IBAMA

Pahol Xav: Konètmã dji no tradjisiô, Hâjmã dji pexe, Kôsehvasiô, late êdjê

RELAÇÃO DE FIGURAS GERAIS

Figura 1. Área de estudo, Terra indígena de Juminã.	16
Figura 2. Mapa dos locais de reprodução dos peixes nas proximidades das aldeias Kunana e Uaha (Desenho Sidney Vidal -Outubro/2014).	17
Figura 3. Representações dos peixes em grafismos, A) Pakahá – Cesto do Pajé ; (B) Cuia; (C) Pakaha e (D) Cuia.	23
Figura 4. Novos grafismos criados durante as oficinas. A- marca do tucunaré, Mak Kunani; B - marca do Jeju, Mak kulã.	25
Figura 5. Apetrechos de pesca tradicionais utilizadas na Terra de Juminã, (A) Anzol e vara; (B) Arco e Flecha, zagaia; (C) Embarcações.	26
Figura 6. Diferentes ambientes aquáticos para capturas de peixes na Terra indígena de Juminã, (A) Poços; (B) Lagos; (C) Araparizal; (D) Campo; (E) Igarapé.	28
Figura 7. Peixe Jeju, <i>Hoplerthrinus unitaeniatus</i> coletado a TI Junimã. (Fonte: Kunanã).	29
Figura 8. Peixe Tamatá, <i>Hoplosternum littorale</i> , coletado a TI Junimã. (Fonte: Kunanã).	30
Figura 9. Peixe Tucunaré, <i>Cichla</i> sp., coletado a TI Junimã.	31
Figura 10. Peixe Piranha vermelha, <i>Pygocentrus nattereri</i> , coletado a TI Junimã.	32
Figura 11. Peixe Acará preto, <i>Herose fasciatus</i> , coletado a TI Junimã.	32
Figura 12. Peixe Acará preto, <i>Metynnis cf. lippincottianus</i> , coletado a TI Junimã (Foto: Museu Kuahi).	33
Figura 13. Peixe Uéua, <i>Acestrothynchus falcatus</i> , coletado a TI Junimã.	34
Figura 14. Peixe Uéua, <i>Acestrothynchus guianensis</i> , coletado a TI Junimã.	34
Figura 15. Peixe Apaiari, <i>Astronotus ocellatus</i> , coletado a TI Junimã	35
Figura 16: Mapa dos conflitos na pesca nas Terras indígenas do Oiapoque e Parque Nacional do Cabo Orange. (Fonte: Planejamento Integrado para a Proteção das Terras Indígenas do Oiapoque e Parque Nacional do Cabo Orange).	37



1.INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

A pesca na Amazônia constitui uma atividade tradicional de grande importância econômica, abrangendo o maior contingente populacional da região (BATES, 1979; BARTHEM e GOULDING, 1997). Estima-se que a pesca na Amazônia brasileira envolva de 200.000 à 300.000 pessoas, seja para fins de alimentícios ou comerciais (PETRERE, 1992; MERONA, 1993). Há cerca de oito mil anos, quando a região Amazônica era explorada apenas pelos índios, os peixes já se constituíam em recursos naturais importantes para a manutenção das populações humanas (ROOSEVELT et al., 1991).

As taxas de consumo de pescado na Amazônia são as maiores do mundo, com média estimada em 369 g/ pessoa/ dia ou 135 kg/ ano, chegando a cerca de 600 g/ dia ou 22 kg/ pessoa/ ano em certas áreas do baixo rio Solimões e alto Amazonas, constituindo-se na principal fonte de proteínas para as populações humanas residentes (BATISTA et al., 2004).

Os peixes são um importante recurso para as populações indígenas. Segundo Endo, 2005, no alto rio Negro registrou-se a ocorrência do pescado em 99% das refeições dos índios da etnia Baniwa. Este fato também é observado entre os Kaiapó no Estado do Pará, onde a principal fonte de proteína animal obtida vem da atividade de pesca, assim como, para os índios Deni na região do médio Purus (PETRERE, 1992, PEZZUTI e CHAVES, 2009).

O conhecimento empírico sobre os peixes está relacionado à compreensão do homem sobre os ecossistemas aquáticos e aos saberes dos sujeitos que neles interagem. Nesse sentido, estudos recentes têm insistido que as propostas para o uso sustentável e a conservação da biodiversidade devem ser fundamentadas nas experiências dos antepassados e no fortalecimento das comunidades, com a valoração de seu saber local. (LOUREIRO, 1992; POSEY, 2001; CARVALHO JR, 2011).

A proteção do conhecimento tradicional é um assunto urgente, visto que há varias ameaças como, acelerado processo de urbanização, abandono de áreas rurais pela populações locais ou indígenas, aumento na utilização de produtos industrializados, natureza oral de tais conhecimentos, fazendo com que eles se percam no tempo e na memória. Estes conhecimentos, além da conservação são úteis a inovações em diversas áreas, por isso são protegidos pela MP n.º2.186-16/2001. Tais conhecimentos são apenas aqueles que estão relacionados à biodiversidade. Como exemplos de

Conhecimentos Tradicionais Associados têm-se métodos de pesca e de caça, técnicas de manejo de recursos naturais, conhecimento sobre ecossistemas e sobrepropriedades farmacêuticas, alimentícias e agrícolas de espécies animais, vegetais e fúngicas (SANTILLI, 2004).

Um conjunto de fatores contribui para uma intensificação da pesca na Amazônia, como o aumento da eficiência pesqueira com o advento de inovações tecnológicas e a política de incentivo ao setor pesqueiro (CASTRO & MCGRATH, 2001). Com isso, a diminuição de alguns estoques pesqueiros da região já é fato bastante conhecido, tanto pela redução da quantidade como do tamanho de algumas espécies, como exemplos notadamente comprovados temos o pirarucu (*Arapaima gigas*) e o tambaqui (*Colossoma macropomum*) (Crampton, 1999).

A pesca intensiva nas várzeas amazônicas gera conflitos em duas dimensões complementares. A primeira é relacionada à sustentabilidade dos recursos, refletindo a contradição entre economia e ecologia. A segunda expressa os interesses e perspectivas distintas da população local em relação aos dos forasteiros que têm acesso ao recurso. Neste contexto, formas tradicionais de gerenciamento dos recursos comuns se tornam vulneráveis. Isso demanda novas e mais eficientes formas de gerenciamento. A gestão participativa da pesca na região é conhecida localmente sob a designação geral de “acordos de pesca”. Eles são gerados e reconhecidos por algumas comunidades amazônicas e valem para lagos selecionados. São uma importante ferramenta para controlar o acesso irregular e a consequente degradação do recurso. Acordos são um passo na direção de alcançar um meio-termo entre os interesses individuais e coletivos, gerando benefícios em ambas as dimensões (OVIEDO, et al., 2015).

Os conflitos de pesca começam pela apropriação e usos diferenciados dos territórios aquáticos os quais colocam em choque, de uma forma geral, o uso para obtenção da subsistência e o uso comercial (FURTADO, 2004). Desde os anos 70, ocorrem nos Estados do Pará e do Amazonas sérios conflitos relacionados ao aproveitamento pesqueiro, mesmo período, os acordos de pesca passaram a ser largamente empregados na Amazônia brasileira (HARTMANN, 2001).

Neste período tais acordos eram realizados por lideranças da própria comunidade sem a necessidade de serem legalizados ou regulamentados. Nesse sentido, os acordos de pesca surgiram como uma forma de lidar com os conflitos e estabilizar ou reduzir a pressão sobre os recursos pesqueiros locais.

Em 2002, o IBAMA publicou a Instrução Normativa número 29 reconhecendo os acordos de pesca como instrumento de ordenamento pesqueiro e estabelecendo critérios para a regulamentação dos mesmos. De acordo com o parágrafo único do art. 1º dessa Instrução Normativa mencionada, entende-se por acordos de pesca “um conjunto de medidas específicas decorrentes de tratados consensuais entre os diversos usuários e o órgão gestor dos recursos pesqueiros em uma determinada área definida”.

1.1. Breve Histórico Atual dos Povos Indígena o Município de Oiapoque

O município de Oiapoque esta localizado no Estado do Amapá na fronteira com a Guiana Francesa, onde existe três Terras Indígenas (Terra Indígena Juminã, Terra Indígena Galiby e Terra Indígena Uaça), todas demarcadas e homologadas pelo governo Brasileiro. Nas três terras indígenas vivem quatros povos com aproximadamente 8 mil indígenas dividido em 50 aldeias.

Karipuna: vivem atualmente nas três terras indígena estão localizado principalmente nas regiões do Rio curipi, Br 156 e Rio Oiapoque falam o Kheoul e o Português.

Galibi-Marworno: Vivem atualmente nas três terras indígena, ao longo da BR156 e Rio Oiapoque a maior parte de sua população vive na terra indígena Uaça nas margens do rio Uaça. Descendentes de antigos povos Caribe e Aruak, falam o Kheoul e o Português.

Galiby-Kali'na: vivem as margens direitas do rio Oiapoque Terra indígena Galiby na aldeia São José dos Galiby , falam o a língua de origem o Kali'na, Kheoul e Português, são originários da Guiana Francesa.

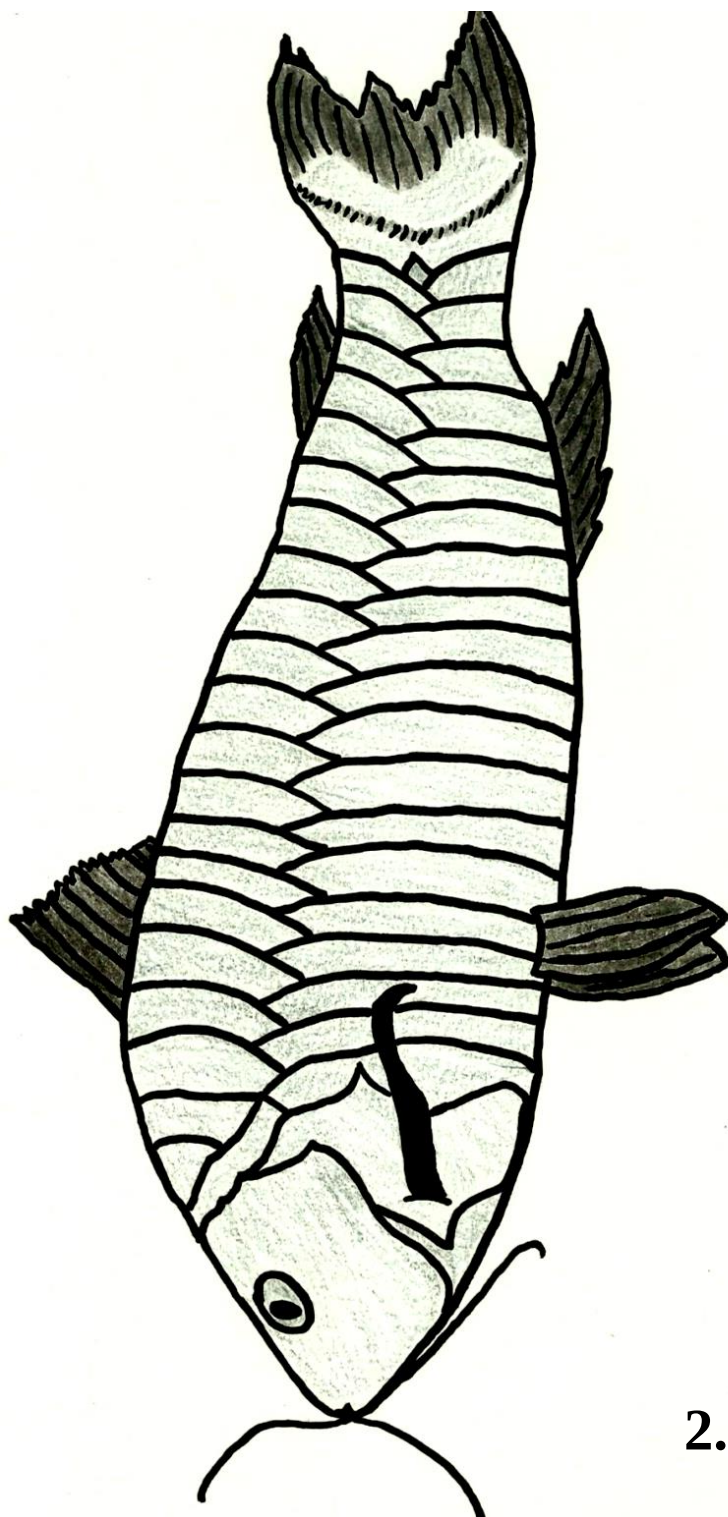
Palikur: vivem nas três terras indígenas nas regiões Rio Oiapoque, BR 156 e principalmente no Rio Urucauá de onde são originários. Falam a língua Palikur da família Aruak, Kheoul e o português,

Atualmente todos os povos indígenas de Oiapoque Também falam o português. (APIO/2009).

Dados populacionais por etnia das terras Indígenas de Oiapoque 2014:

- População **Galibi-Marworno**2.023
- População da etnia Palikur.....2.167
- População da etnia Karipuna.....2.314
- População da etnia Galiby Kali na28

População indígena do município de Oiapoque é de aproximadamente 6.532 indígenas, estimasse que possa chegar até 9 mil indígenas se somado com os indígenas que hoje moram fora das Terras Indígenas (FUNAI/CTLII-Oiapoque /coordenação Técnica de Local).



2.OBJETIVO

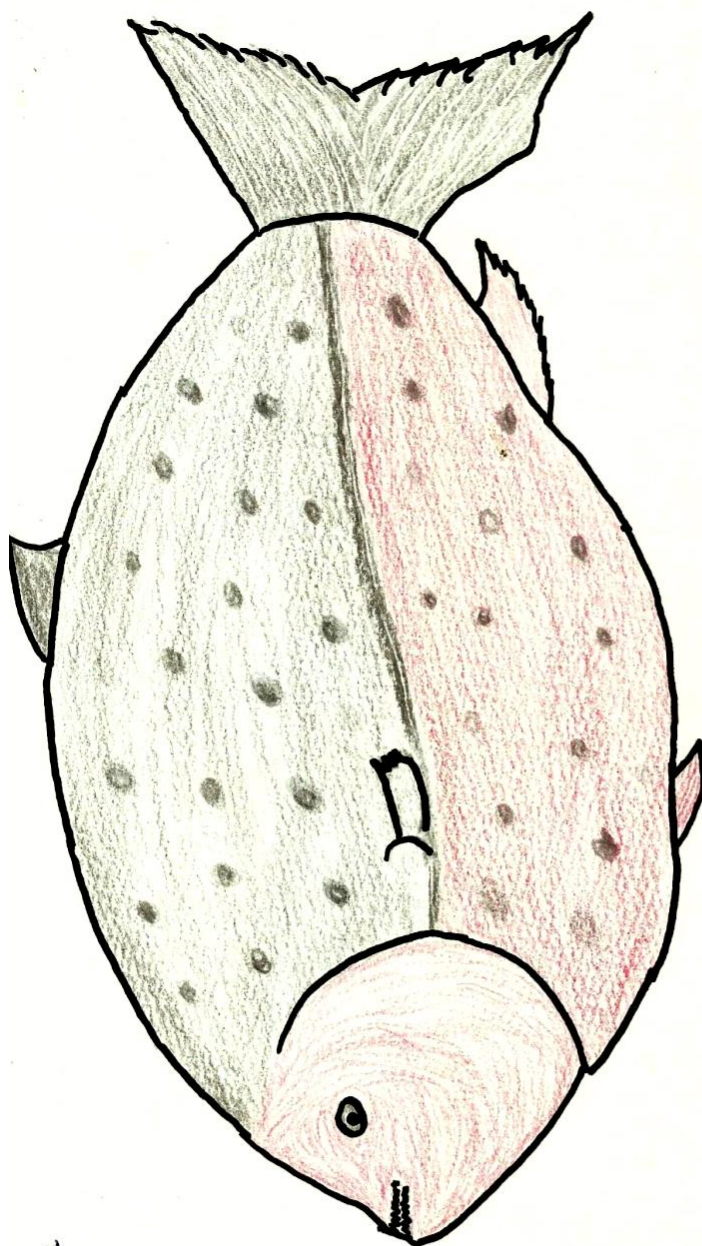
2. OBJETIVOS

2.1 - Geral:

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo documentar os saberes da experiência no cotidiano da pesca, auxiliar na valorização e conservação do meio ambiente, nas comunidades indígenas de Kunanã e Uaha, Terra de Juminã, Oiapoque Brasil/AP.

2.2 Objetivos específicos:

- Caracterizar o conhecimento tradicional relacionado à pesca;
- Identificar as representações culturais dos recursos pesqueiros das comunidades indígenas de Comunidade Indígena de Kunanã e Uaha;
- Documentar mitos relacionados aos recursos pesqueiros;
- Auxiliar na conservação do meio ambiente enquanto espaço de manutenção do modo de vida indígena;
- Conscientizar acerca do respeito pelo ciclo ecológico dos peixes e garantia de recursos pesqueiros para as futuras gerações;
- Diagnosticar o conflito de pesca na terra indígena de Juminã;
- Pactuar um Acordo de pesca nas terras indígenas de Juminã, entre as aldeias de Kunanã e Uaha, juntamente com o IBAMA e FUNAI.



Piranha

3. MATERIAIS E METODOS

3. MATERIAIS E METODOS

3.1. Área de Estudo

A Terra indígena Juminã (Figura 1) está localizada as margens direita do Rio Oiapoque, fronteira com a Guiana Francesa, com a área de 41.601 ha, foi demarcada e homologada em 1992, uma região rica em fauna e flora, de várzeas, savanas e florestas entrecortadas por igarapés e lagos dois grupo indígenas dividem esses espaço a aldeia Kunana (etnia Karipuna) e Uaha (etnia Galibi-Marworno).



Figura 1. Área de estudo, Terra indígena de Juminã.(mapa de localização da aldeia da T.I Juminã/FUNAI -Oiapoque 2009)

A aldeia Kunanã localizada as margens esquerda do igarapé do Juminã, um afluente do baixo Rio Oiapoque com saída para os campos, é uma ponta de montanha de terra firme cercada pelo campo, a aldeia Kunanã (Figura 2) é uma aldeia considerada da etnia karipuna, mas existem, grupos bem diferenciados, por ser constituído de diversas etnias como, Galibi Marworno, Palikur, e não indígenas, tem aproximadamente 90 habitantes e 104 anos desde sua existência. A língua materna é o português e a segunda língua o Kheoul. A principal economia vem do funcionalismo

publico e aposentados, pensionista do INSS (Instituto Nacional da Seguridade Social) com renda complementar a agricultura, com plantações de roça e colheita de frutos silvestre. Localização por coordenadas (51°, 37 minutos, 3,8321W) latitude (4°, 1.7,261 N)

A aldeia Uaha: Também denominada pelos Moradores Zile Uaha, Localizada em uma pequena porção de aréia circundada por campos alagados mas tem um acesso a terra firme onde são feitas as roças. Tem aproximadamente 150 habitantes e 85 desde de seus primeiros moradores, é uma aldeia considerada Galibi-Marwno, vindos da aldeia Kumararumã localizada na terra indígena Uaçá (Figura 2). A principal economia vem da Agricultura com plantações de roca e colheita de frutos silvestres, apenas 10 % dos moradores são funcionário público ou recebem alguma ajuda do Governo (aposentadoria, bolsa família). Localização por coordenadas (51°, 37 minutos, 30,332W) latitude 4°, 1.432,95 N

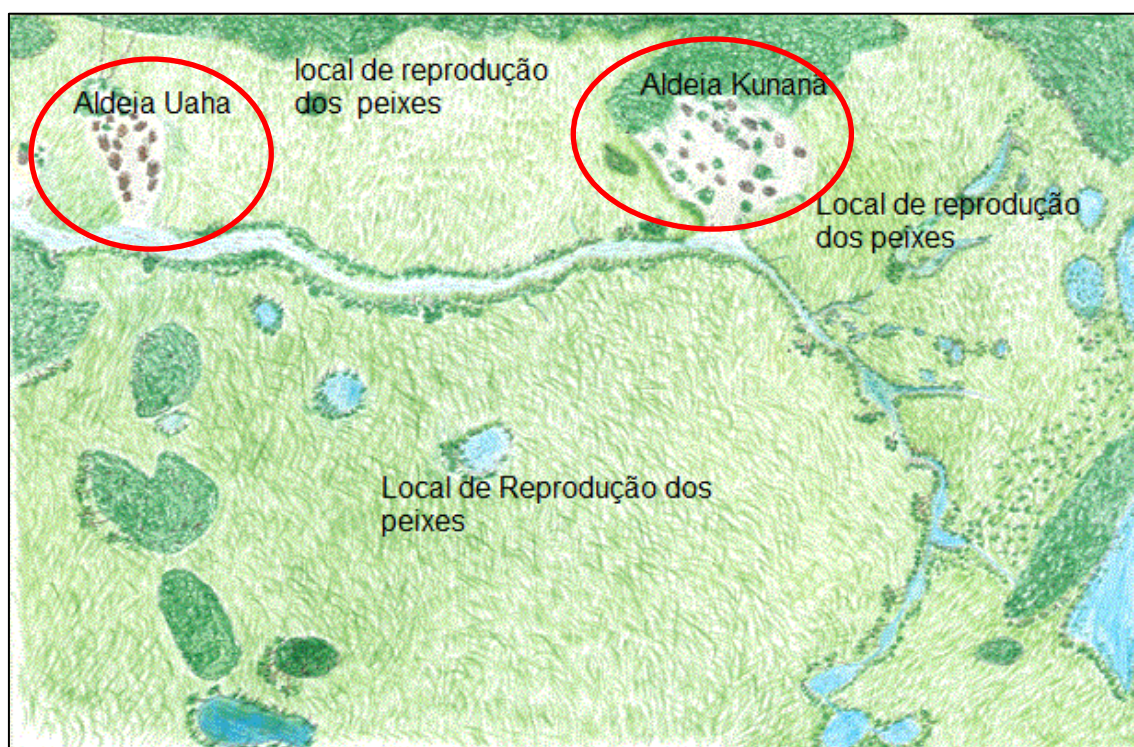
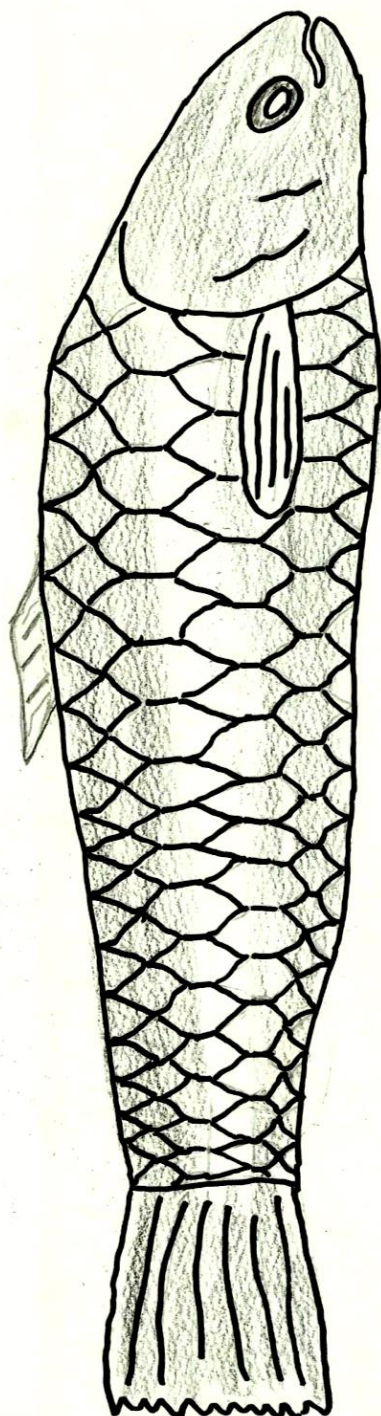


Figura 2. Mapa dos locais de reprodução dos peixes nas proximidades das aldeias Kunana e Uaha (Desenho Sidney Vidal -Outubro/2014).

4.2. Coleta de Dados

Foram utilizados os princípios da Etnoecologia como referencial metodológico, uma vez que é um campo de pesquisa científica transdisciplinar, a qual estuda os conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamentos que intermedeiam as interações entre as populações humanas e os demais elementos dos ecossistemas, bem como os impactos ambientais. Esses estudos referem-se a conhecimentos que circulam as vivências dos povos tradicionais, ou seja, formas de uso e apropriação dos recursos naturais e da biodiversidade, por meio de sua inserção no meio natural, suas crenças, percepções, comportamentos, e também, das várias formas de classificar, nomear e identificar tais elementos em seus ambientes (FERNANDES-PINTO E MARQUES, 2004).

A coleta de dados ocorreu durante o período de 2014 a 2016, através observação e da aplicação de questionário próprio. A estratégia inicial visou realizar a aplicação do questionário no início da realização dos trabalhos, para registrar principalmente a percepção e aceitação de um acordo de pesca na região, após esse diagnostico ocorreu a intervenção nas comunidades através de reuniões com todas a comunidade (um total de quatro), uma reunião final entre a comunidade e os representantes dos órgãos reguladores, como IBAMA, para pactuação do acordo de pesca e oficinas sobre recursos pesqueiros (no total de duas). Após a intervenção o questionário voltou a ser aplicado. Foram realizadas entrevistas, as quais foram gravadas em áudio, referentes ao conhecimento das comunidades quanto aos recursos pesqueiros e seus múltiplos significados. Foram aplicados questionários, antes do início do trabalho e no final. Para todas as entrevista foram utilizado o termo livre esclarecido, além da autorização das lideranças das aldeias.



4. RESULTADOS

4. RESULTADOS

4.1. Recursos Pesqueiros e seus Múltiplos Significados

Os peixes tem grande importância para a população indígenas do município de Oiapoque. Na terra indígena Juminã, assim como nas demais terras indígenas Uaçá e Galiby os peixes estão envolvidos nas diversidades de mitos, lenda e são representados nos grafismos corporal e dos objetos (cuias, bancos, peneiras entre outras) pelas etnias: Palikur, Galiby-Marworno, Galiby-Kalina e Karipuna.

Em entrevista, foi relatado que os peixes não servem apenas para alimentação, auxiliam na identificação na percepção do ambiente, a identificar se existe algo de errado no meio ambiente, na percepção se os períodos são de “fartura” ou “tempos ruim de alimentação”. Quando o peixe khuari (*Metynnis cf. lippincottianus*) é visto “fumando” na superfície da água, é sinal que será um período de grande quantidade de peixes, em momentos assim é possível capturar até mesmo com as mãos. Quando o peixe tucunaré (*Cichla sp.*) é capturado com tons de coloração mais claros, é sinal de o período é de grande volume pluviométrico. As mulheres indígenas utilizam as marcas (Grafismo) dos peixes, como por exemplo: as mulheres trançam os cabemos com a marca do tamatá (tamoatá, *Hoplosternum littorale*), este é considerado um tipo de adorno muito bonito.

Os peixes também influenciam na espiritualidade, segundo vários entrevistados, principalmente, Pajés e caciques mais idosos relataram:

“Quando alguém iria cantar para entrar em contato com os espíritos das florestas, pedia para a gente não comer peixe, por que os espírito não gostam do cheiro de peixe e nem de sangue.”

Ainda em relação à espiritualidade, disseram:

“O Juminã sempre foi muito farto de peixe, principalmente de jeju, por que tinha a mãe dos jijus, que morava na nascente do lago, perto dos três miritis. Quando é época de desova, ela sempre ficava por perto. Era igual uma cobra grande.

O Pajé antigo (Dario Vidal), em determinada, época agradecia os espíritos pela fartura de alimentos. Com seu falecimento, este ritual de agradecimento ao espíritos nunca mais foi realizado.

“ninguém fez os agradecimentos, e também as pessoas não tem mais o respeito com a natureza como agente tinha na época.”

Em relação a conservação dos recurso pesqueiros foi relatado que antigamente havia muita fartura de peixes, a pesca era eficiente em qualquer época do ano e atualmente isso não ocorre mais, sendo necessário se afastar muito das aldeias para conseguir uma quantidade maior de peixes

“Quando era jovem nos pegávamos peixe bem perto da aldeia e só o que precisávamos, vendíamos mais em pouca quantidade só para sobrevivermos hoje se alguém que pegar peixe tem que ir bem longe e nem pega muito como antes. Eles aproveitam para pegar os peixes principalmente jiju, tamata, tucunaré, no período de reprodução que ficam fácil de ser capturados. E vendem em grande quantidade”

4.1.2. Mito da mãe do lago (mãe dos jijus)

Com as entrevistas, os depoimentos, as observações *in loco*, foi descrito o mito da mãe do lago ou mãe dos jijus. Era esta entidade, juntamente com a cobra grande quem protegiam e mantinham a fartura de peixes na região. Era orientado constantemente, que as mulheres em período menstrual não deveriam entrar na água, por isso enfurecia a mãe dos jijus, assim como jogar lixo. Com o passar dos tempos, os novos indígenas passaram a não respeitar essas regras, segundo levantado no estudo, não acreditam em tais ensinamentos antigos. Para os mais antigos, a mãe dos jijus, foi embora e a cobra grande hoje mora no do igarapé. A falta destas duas entidades foi que trouxe a diminuição de peixes e o fechamento de lagos na região.

*“Há muito tempo atrás aqui na terra indígena Juminã, nos pegávamos grande quantidade de peixes, jiju tinha muito, tucunare, tracajá, tamoatã, o lago era bem grande. Aqui tinha pouca casa, o kunanã era chamado **de pont sinal** e o Uaha de **zileyzorâj**, até cachorro pegava peixe na beira do lago pra comer. Tinha muitas aves. A noite íamos só na beira do lago e rapidinho pegávamos mais de 5 quilo de peixe, nos sabíamos que tinha uma mãe de jiju que protegia o lago, junto com a cobra grande. que limpava. Era muito bonito esse lago, muito farto, meu pai sempre fazia um ritual na cabeceira do lago, onde tem três miritizeiro, ele pegava sempre uma garrafa de **tatuzinho**(antiga bebida alcoólica) e seu cigarro de **tauahi** (cigarro tradicional), pegava uma canoa e subia o lago. Ele ia sempre uma 5 horas da tarde, na época não tinha relógio, só ele tinha, mas ele sabia o horário sem olhar pro relógio, quando*

amanhecia o lago limpo sem barraco, ele dizia para as mulheres- quando vocês tiverem menstruadas não vão para beira do lago, e não limpar caça no lago por causa do sangue forte , falava para nos não joguem nada de lixo no lago que a cobra grande a mãe do lago não gosta.

Depois ele ficou doente e faleceu ninguém mais fez isso, as pessoas não respeitão mais, as meninas vão para beira do lago quando estão menstruadas, as pessoas jogam muita coisa no lago. Com isso a cobra se foi embora, dizem que ela morra agora na entrada do igarapé e a mãe do jiju foi para longe , e o lago fechou por que param de cuidar do lago. Por isso que o lago esta diminuindo cada vez mais peixe esta difícil de pegar, eu sinto muita falta da aquela época, hoje em dia quando agente fala os jovens não acreditam só quem vai sofre é as crianças com isso, que não chegaram a ver a beleza do lago e nem da fartura de amimaís que tinha. Se agente não cuidar não vai sobrar nada para as crianças que estão por vim. ”

Contado por (Ubirajara Vidal)

4.1.3. Representações dos peixes em grafismos

Os grafismos corporais são usados em apresentações da dança do Turé e outros eventos que reúnem os povos indígenas do município de Oiapoque.

As Marcas são em feitas em cestarias, cuias, bancos, colheres, pulseiras, brinco, anéis entre outras (Figura 4). A tabela 1 mostra as representações gráficas e suas marcas.

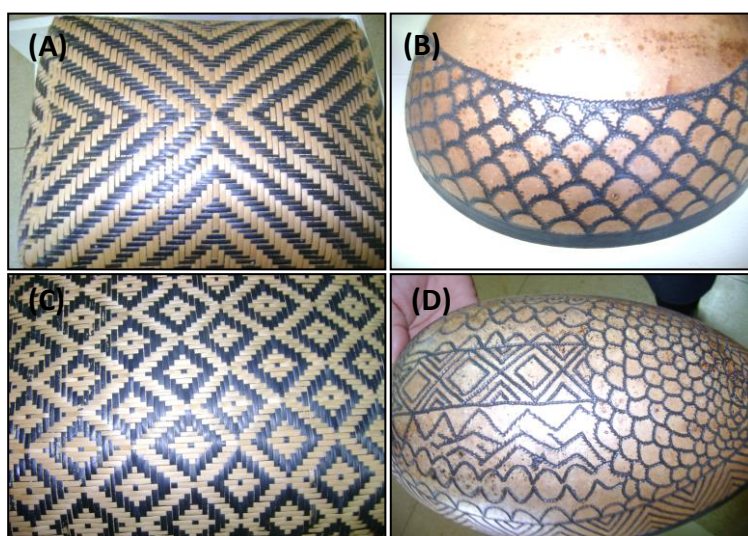
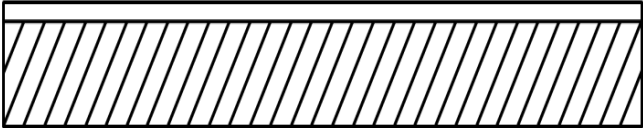
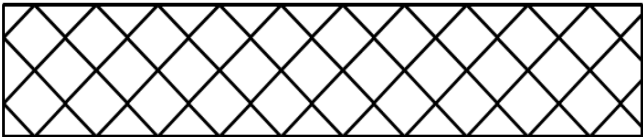
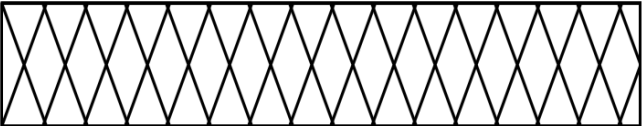
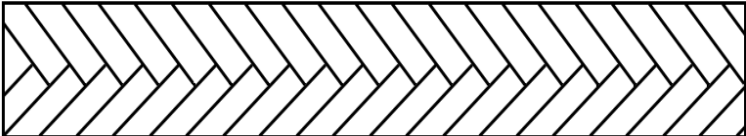
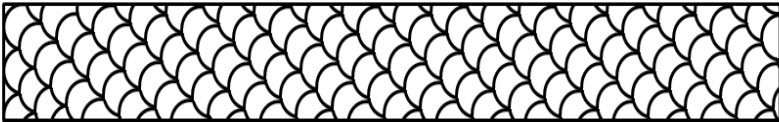
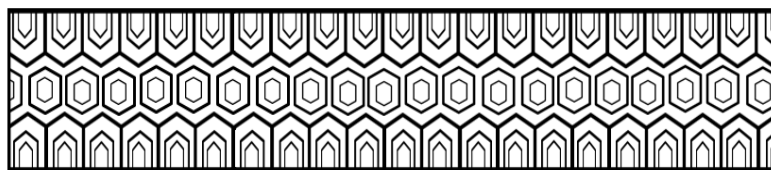


Figura 3: Representações dos peixes em grafismos, A) Pakahá – Cesto do Pajé ; (B) Cuia; (C) Pakaha e (D) Cuia.

Tabela 1. Grafismos utilizados pelos indígenas na Terra de Juminã. (VIDAL, Lux Boelitz Povos Indígenas do baixo Oiapoque: o encontro das águas. O encruzo dos saberes e arte de viver- Rio de Janeiro :Museu do Índio e Iepe,2009)

Representações	Nomes (marcas)
 Mak zo puasõ	- Marca espinha de peixes.
 Mak txi kuahí	-Marca pequeno Kuahi.
 Mak kuahí	-Marca Kuahi.
 Mak gho kuahí	-Marca Grande Kuahi.
 Mak kai atxipa	-Marca escama do tamuatá.
 Mak kai txuhi	-Marca escama do pirarucu.



Mak Kai totxi

-Marca casco do
jabuti.

Durante as Oficinas sobre recursos pesqueiros na T.I Juminã, foram criados novos grafismos. A marca do tucunaré (Mak Kunani – Figura 5A) pode ser usada pelo homem e pela mulher, também poder ser usar nos artesanato (brinco, pulseiras, colares e cuias, peneiras e outros). A marca do Jeju (mak kulã – Figura 5B) pode ser usada pelo homem e pela mulher, também poder ser usar nos artesanato (brinco, pulseiras, colares e cuias, peneiras e outros)

(A)



(B)



Figura 4. Novos grafismos criados durante as oficinas. A- marca do tucunaré, Mak Kunani; B - marca do Jeju, Mak kulã.

4.1.4. Instrumentos de captura de peixes na Terra indígena Juminã

Nas entrevistas e durante as observações, ficou constatado que os Indígena das comunidades de Uaha e Kunanã utilizam como apetrechos de pesca tradicionais: o caniço e anzol, a zagaia, arco e flecha, peneiras e até mesmo as mãos (Figura 4). A rede de arrasto (tramalho) por muitos anos foi um dos principais instrumentos de pesca na terra indígena Juminã, no inverno as chuvas enchem os lagos e rios, assim a captura com as técnicas tradicionais se torna mais difícil.

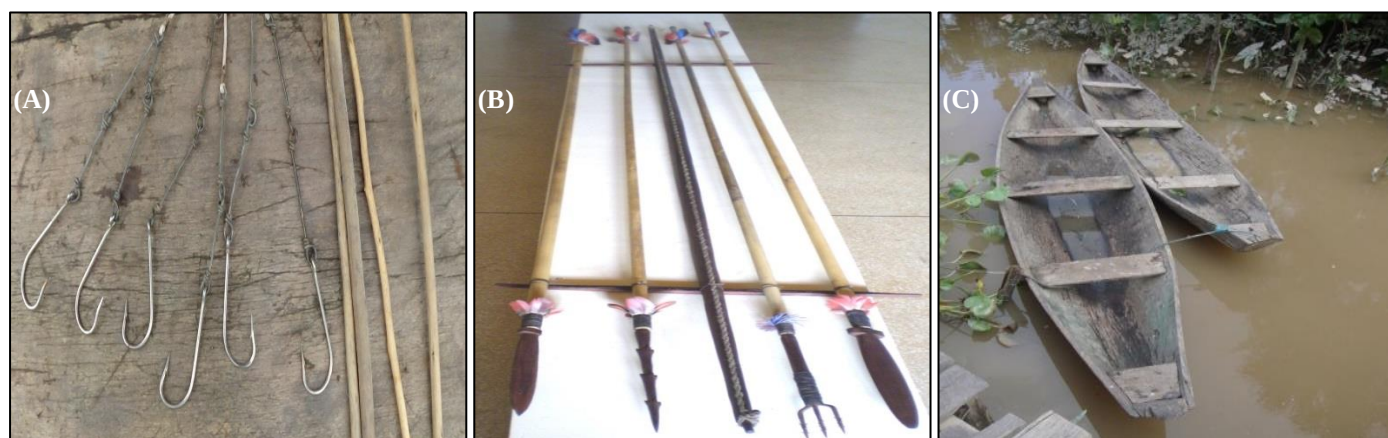


Figura 5. Apetrechos de pesca tradicionais utilizadas na Terra de Juminã, (A) Anzol e vara; (B) Arco e Flecha, zagaia; (C) Embarcações.

4.1.5. Locais de Captura e Peixe na Terra Indígena Juminã

Como o conhecimento e a percepção dos diferentes espaços em que os peixes podem ocorrer são de grande importância para a atividade pesqueira, os pescadores da Terra Indígena Juminã categorizaram os ambientes aquáticos do seu entorno em cinco grandes divisões hidrográficas (Figura 4), denominadas:

- **Nos igarapés (*krik*):** que são braços do rio, de tamanho diferente. No verão é comum secarem ou diminuir o nível de água. No inverno ficam cheios e amplos.
- **Os lagos (*lag*):** São porções de água doce de grande extensão, são fundos e permanecem cheios o ano todo sem secar. Os principais lagos da região são: txi Juminã, Ilha Rica, Lago Redondo e Braço
- **Os poços (*pui, basî*):** no verão, ficam pequenas quantidades de água nos campos e arapizais fechados.

- **O campo (*savan*):** uma área plana de serrado, capim (uma erva) e de terra preta, barro. alagada no inverno, seca no verão.
- **O araparizal:** é uma área plana de floresta com arvores (=genipapo brabo), arapari, limão brabo ou ajuru brabo, imbauba, aninga.

Segundo os moradores das Aldeias Kunanã e Uaha durante todo o ano se captura peixes. O verão é considerando um bom período para captura devido os peixes ficarem habitarem poços e lagos. No período Inverno, os campos ficam cheios e os peixes se “espalharam”. Nos meses de dezembro a março é um período de grande fartura de peixes, fica fácil capturar principalmente o tamuatá, jiju e tucunaré. Durante esse período ocorre a reprodução, moradores aproveitam e pescam, capturando uma grande quantidade peixes, interrompendo a reprodução a reprodução das espécies de peixe e favorecendo para o declínio dos recursos pesqueiros.



Figura 6. Diferentes ambientes aquáticos para capturas de peixes na Terra indígena de Juminã, (A) Poços; (B) Lagos; (C) Campo; (D) Araparizal; (E) Igarapé.

4.3. Peixes mais Capturados na Terra Indígena de Juminã

Baseados no conhecimento e a percepção da atividade pesqueira, os pescadores da TI Juminã, descreveram as principais espécies de peixes, onde são capturadas na região, e informações quanto seu comportamento, reprodução, alimentação e o principal apetrecho de pesca utilizado. Foram citadas as seguintes espécies:

Jeju

Patoa: kulã

Palikur: puneh

Nome Científico: *Hoplerythrinus unitaeniatus*



Figura 7. Peixe Jeju, *Hoplerythrinus unitaeniatus* coletado a TI Junimã. (Fonte: Kunanã)

O Jeju é um peixe que vive no campo alagado (savan, patoá) e igarapé, poço, na beira das montanhas. No verão vive no poço, igarapé e lago. No inverno vive mais no campo alagado. A sua reprodução é no início da chuva, nos mês de dezembro a janeiro. É capturado com, anzol, flecha, zagaia e quando desova no campo são coletados com as mãos. Pode ser usada qualquer isca para capturar o Jeju.

Tamatá

Patoa: atxipá

Palikur: kariwru

Nome Científico: *Hoplosternum littorale*

Figura 8. Peixe Tamatá, *Hoplosternum littorale*, coletado a TI Junimã. (Fonte: Kunanã)

Esta espécie de peixe é mais abundante nos campos alagados e nos poços. É encontrado com facilidade apenas no verão, no inverno sua pesca é muito difícil. Neste período, quando os campos secam (meses de outubro e novembro), são coletados nos buracos, localizados no fundo. Segundo os resultados das entrevistas o Tamatá se alimenta “barro”. Este peixe tem o habito alimentar detritívoro, se alimentando de matéria orgânica associadas com o substrato, por essa razão os indígenas acham que o Tamatá “come barro”.

Sua reprodução é na época da enchente do campo (janeiro e fevereiro). A Piracema (comportamento migratório para reprodução) do Tamatá ocorre nos meses de dezembro a janeiro. Geralmente, a sua subida no campo para desovar é depois da reprodução do jeju, quando a água está mais cheia no campo. Ele deposita seus ovos em folhas, no meio de Aningais e no meio do campo alagado. Eles ficam geralmente em par debaixo dos ovos para protege-los (comportamento de cuidado parental). O formato da escama do Tamatá é uma marca que se utiliza no artesanato, como tipiti, peneira, abano.

Tucunaré

Patoa: kunanĩ

Palikur: kunan

Nome Científico: *Cichla sp.*



Figura 9. Peixe Tucunaré, *Cichla sp.*, coletado a TI Junimã.

O Tucunaré ocorre no rio e nos campos alagados, não tem nos igarapés que entram no “mato”. Esta espécie se alimenta de vários tipos de peixes, com preferência para o matupiri vivo e acara-barbela vivo. Os maiores exemplares podem chegar até 40 ou 50 cm. Sua desova ocorre no início do inverno, deposita os ovos em um galho de pau ou pedra. O macho fica protegendo os ovos e quando nascem os filhotes, a fêmea acompanha embaixo, e o macho fica junto ou mais pra frente (descrição de cuidado parental, já largamente descrito cientificamente). No período que tem filhos é muito fácil de capturar, pois ele fica “muito besta”.

Os principais apetrechos de pesca são: anzol, arco e flecha (no início do inverno) e de siririca (*xauxau*). A siririca é um modo de pesca com um tipo de isca artificial artesanal. Usa-se como isca um pedaço de pano branco ou vermelho no anzol (*kaliko*), e com cartel de linha essa isca é arrastada, “o tucunaré pensa que é um pedaço de peixe que está sangrando e se engana”. A melhor época de pesca é no verão, de julho a agosto nos lagos.

Não é um peixe “remoso”. Existem dois tipos na região TI, o de carne branca e o de carne vermelha/ amarelada. No verão, ele é mais escuro, no inverno, é mais claro. Os machos tem um cupim encima da cabeça (Dimorfismo sexual secundário transitório, na época de reprodução há um acumulo de gordura na parte superior da cabeça dos machos, esta estrutura mantém a nutrição do peixe macho, já que no período reprodutivo em que exerce cuidado parental, o macho praticamente não se alimenta).

Piranha vermelha ou Piranha cajú

Patua: pihaytipok / pihayhuj

Palikur: umayanduruwoh

Nome Científico: *Pygocentrus nattereri*



Figura 10. Peixe Piranha vermelha, *Pygocentrus nattereri*, coletado a TI Junimã.

A piracema do peixe piranha ocorre de dezembro a janeiro. Entra no campo para desovar, faz a “casinha”, corta a vegetação do cerrado junta e fica embaixo (ninho). A escama é bem fina. É de água doce, ocorre no rio, no lago, campo, igarapé e cachoeira. Espécie presente durante todo ano, sua captura pode ser de dia e a noite, é sendo ativa para alimentação durante o dia. Pode ser pescada com qualquer tipo isca: peixe, caça, fruta, com preferencia para a isca feita com carne do peixe poraquê (peixe elétrico, *Electrophorus electricus*). Habita mais a parte profunda, vindo para superfície para se alimentar. É um peixe muito “remoso”, quando a mulher está de resguardo, não pode comer. Quando forma cardume, e for colado sangue na água, ela da ataca ferozmente.

Acará preto

Patoa: muturua

Palikur: begduwey

Nome Científico: *Herose fasciatus*



Figura 11. Peixe Acará preto, *Herose fasciatus*, coletado TI Uaça.

Peixe de escama característico da região. diurno com comportamento mais parado, junto a vegetação. No inverno é encontrado com mais frequência nos campos alagados, beiras de ilhas e no verão ocorrem nos poços, rios e igarapés. As iscas usadas para pescar esse peixe são: camarão, minhoca, aranha, gafanhoto, matupiri e pirão de farinha e também iscas de outros peixes. Além do anzol, também é utilizado com apetrecho de pesca para esta espécie: flecha e de zagaia a noite. Sua reprodução ocorre no mês de janeiro, depositando os ovos em folhas no fundo do corpo aquático.

Patua: kuahí

Palikur: Croari

Nome Científico: *Metynnis cf. lippincottianus*



Figura 12. Peixe Acará preto, *Metynnis cf. lippincottianus*, coletado a TI Junimã (Foto: Museu Kuahi).

Espécie de peixe mais conhecida da região com tamanho médio de 15 cm. A marca característica de suas escamas em de losango, é muito utilizada pelos artesãos, sendo a marca mais utilizada para adornar objetos em todas as etnias

É o peixe mais apreciado na TI Juminã, sempre citado como: melhor peixe, porque é gostoso. Pode ser preparado frito, cozido ou assado. Peixe que forma cardume, habita tanto nos campos alagados (no inverno), como no rio (no verão). Pode ser pescado com anzol e linha, caniço, flecha de longa distancia no meio do cardume. A pesca com de vara e anzol, utilizando-se como isca pirão de farinha, minhoca tem sucesso de junho até metade de julho. Depois é utilizada só a flecha.

Sua alimentação nos campos alagados é rica em insetos, frutinhas e gafanhotos, fica “encima da água” (superfície) e pula para comer. O kuahí é um peixe "malandro" pelos indígenas, por roubar muito isca.

Este peixe indica a época do verão, quando ele aparece "fumando" na superfície da água em grande quantidade, significa que o verão chegou. Os indígenas dizem que quando o kuahí aparece em grande quantidade, significa fartura de peixes, no mês de junho em diante.

Uéua

Patoa: dāxenueu

Nome Científico: *Acestrothynchus falcatus*



Figura 13. Peixe Uéua, *Acestrothynchus falcatus*, coletado a TI Junimã.

É um peixe conhecido na região, habita os lagos, rios, campos alagados. Na sua reprodução protege seus filhos (Cuidado parental). Sua coloração é avermelhada. Para sua captura é utilizado anzol e linha, flecha, zagaia. Esta espécie apresenta um grafismo, porem sua marca ainda é pouco utilizada.

Uéua

Patoa : dāxenhuj

Nome Científico: *Acestrothynchus guianensis*



Figura 14. Peixe Uéua, *Acestrothynchus guianensis*, coletado a TI Junimã.

Está espécie de peixe é mais abundante no inverno quando a água “é muito grande”. Habita principalmente o rio, “gosta mais de ficar em água fria”. Sua captura é mais farta, na época de grande quantidade de camarões. Espécie formadora de cardume, com reprodução no inverno liberando os ovos nos campos alagados. Os instrumentos que de pesca para essa espécie são: caniço e anzol. A cor da sua carne é branca, “quase não tem sangue”.

Apaiari

Patua : masuhu

Nome Científico: *Astronotus ocellatus*



Figura 15. Peixe Apaiari, *Astronotus ocellatus*, coletado a TI Juminã.

O Apaiari é um peixe que habita os campos alagados, igarapés e os poços. No verão vive nos poços e igarapés. No inverno migra para os campos alagados. Sua reprodução ocorre no início da chuva (de dezembro a janeiro), assim como o tucunaré, também protege seus filhotes (Cuidado parental). Pode ser capturados com anzol e linha, flecha e zagaia.

4.4. Diagnostico do Conflito de Pesca na Terra Indígena Juminã

Em nosso estudo foi levantado que desde seus primeiros moradores, em aproximadamente no ano de 1910, antes da demarcação como território indígena, sempre houve retirada dos recursos pesqueiros em grande quantidade da T.I Juminã. Entretanto, a pesca era realizada de forma artesanal, com utilização de petrechos de pesca tradicionais (uso de anzol, Zagaia). Não era utilizado nenhum tipo de material industrializado, como: malhadeiras e tarrafas. Em meados de 1940, foi introduzido na

região o “tramalho”, redes de pesca (malhadeiras) confeccionadas com material industrializado. Essa introdução nas comunidades foi realizada pelo empresário da época Domingo Mourão, que tinha vários barcos de pesca, os moradores capturavam e vendiam para ele. Em entrevista com o funcionário do FUNAI/ Oiapoque ficou visível o incentivo que os indígenas da região tiveram para praticar a pesca predatória.

Na década de 1940 a 1970, O Governo na época através do SPI (Sistema de Proteção ao Índio) e a prefeitura de Oiapoque incentivavam os indígenas a praticarem a pesca predatória dos recursos naturais para abastecer o mercado externo. A partir desse momento, os indígena passaram a pescar de forma desordenada na região, sem a preocupar com o ciclo ecológico das espécies, visando apenas o lucro com a venda.

A FUNAI realizava fiscalizações anuais, o que não é suficiente, já que a comunidade continua a pesca indiscriminadamente. É necessária que as comunidades entendam que estão se alto prejudicando. Os recursos já diminuíram consideravelmente e poderá ocorrer até mesmo o desaparecimento de algumas espécies, assim como, outras que dependem dela a para sobreviver, gerando um impacto ambiental incalculável.

Em 1992 a região de Juminã foi demarcada e homologada como terra indígena Juminã, com isso houve a redução da entrada dos não indígenas na região apenas para pescar. Porém a captura pelos indígenas para fins de comercialização continuou, dessa vez apenas pelos moradores da TI Juminã e parentes que moravam na redondeza. A captura do recurso pesqueiro era realizada principalmente no o período de reprodução pela facilidade da captura.

Com o aumento populacional, com o uso de malhadeiras e a pesca predatória segundo os moradores das aldeias Kunanã e Uaha, o recurso pesqueiro como (tamata, tucunaré, apaiari, Croari, aruanã, piranha e a Tracaja) estão cada vez mais difíceis de serem capturados. Uma das preocupações dos moradores das duas comunidades é desaparecimento de algumas espécies de peixes nos lugares onde eram capturados em grandes quantidades tanto para o consumo quando para a venda. Mesmo com essas problemática a terra indígena Juminã ainda é considerada pelos anciões das duas comunidades um berçário de peixes.

A Terra Indígenas Juminã por fazer fronteira com a Guiana Francesa se torna área vulnerável pela entrada de indígenas da Guiana, entram muitas das vezes apenas para capturas os recurso pesqueiros. O mapa de Planejamento (Figura 5) Integrado em Terra Indígenas do Oiapoque cita a pesca predatória na T.I Juminã.



Figura 16: Mapa dos conflitos na pesca nas Terras indígenas do Oiapoque e Parque Nacional do Cabo Orange. (Fonte: Planejamento Integrado para a Proteção das Terras Indígenas do Oiapoque e Parque Nacional do Cabo Orange).

Segundo TNC, 2009:

De forma geral, a região na Amazônica se destaca pela riqueza de espécies explorada, quantidades de pescados capturados e dependência das populações tradicionais a esta atividade, essa característica também são observadas nos hábitos dos povos indígenas da região do Oiapoque, que possuem como principal base da dieta alimentar, o peixe.

Segundo Edilson Palmeirim Amaral morador da aldeia Kunanã antes não precisava ir muito longe para se captura peixes, era só ir na beiro do lago e já se pegava, era rápido, hoje em dia está cada vez mais difícil, se não ser tomada alguma atitude não teremos algumas espécies de peixes para futuras gerações. Todo tem que preservar e para isso precisamos das duas aldeias juntas preservando os recursos pesqueiros. A pesca predatória vem sendo praticada a décadas pelos moradores e visitantes da região e

é atualmente uma preocupação das duas comunidades preservar a espécies aquáticas e terrestres principalmente das pessoas mais velha.

A grande preocupação em ser firmado acordo entre as duas comunidades, devido as duas dividirem a mesma terra Indígena e dividirem os menos locais de pescas. Porem para que um acordo de pesca fosse firmado as comunidades envolvidas das tinham que está em acordo.

4.5. Firmando Acordo Interno para Preservação dos Recursos Pesqueiro Na T.I Juminã

A problemática vem sendo discutida desde ano de 2013 na região. Os primeiros contatos ocorrem com os moradores das comunidades, e iniciamos uma pesquisa com o questionário, com várias perguntas entre elas esta: O que você acha de firmar um acordo de pesca na região. No ano de 2013 apenas 15% dos entrevistados eram favoráveis ao acordo. A maior rejeição observada foi entre pais de família mais novos, com aproximadamente 16 a 30 anos. As conversas continuaram e as palestras sobre a importância de uma regulação eram realizadas durante as reuniões das comunidades.

Em 2014 as conversas continuaram com as lideranças, onde foi pedido apoio para realizar a conscientização dos moradores, explicando a importância da existência um acordo interno para preservação do recurso pesqueiro. Com o apoio das lideranças foi iniciado o trabalho conscientização do uso dos recursos pesqueiros, em reuniões junto às comunidades sempre levantava as questões para debate, porem sempre deixava com eles levantassem as problemática e sempre era incentivava que os mesmo buscassem a solução. Novamente foi aplicado o questionário, e no ano de 2014 a porcentagem de moradores favoráveis aumentou para 40% do total.

No ano de 2015, após várias reuniões e a realização de oficinas, a comunidade deu o primeiro passo para preservação dos recursos pesqueiros, proibindo a venda dos produtos para o mercado externo e a saída dos recursos naturais em grande quantidade para fora da T.I Juminã. O questionário foi aplicado novamente, e dessa vez a porcentagem de moradores favoráveis foi de 70%. Os que continuavam contra o acordo de pesca e ainda se recusavam a cumprir as regras, alegavam isso iria prejudicar a sua subsistência e a complementação de renda.

Em janeiro de 2016 em uma oficina de recursos pesqueiros foi realizada na aldeia Kunanã, com as comunidades indígenas do rio Oiapoque. Um dos temas era uma consulta previa sobre a construção da PCH salto cafesoca no granroche. Os moradores das comunidades de Kunana e Uaha apresentaram as áreas de vulnerabilidade das comunidades, onde observamos que o trabalho de conscientização estava dando resultado.

No mês de maio de 2016, em horário escolhidos cuidadosamente para que não prejudica-se as atividades cotidianas dos moradores da comunidade. Foi realizada novamente a oficina de Recursos Pesqueiros na Terra Indígena Juminã, na aldeia Kunanã. A oficina ministrada por Priscila Barbosa de Freitas com ajuda de Edson dos Santos Figueiredo (estudando do curso de Licenciatura indígena, UNIFAP).

O objetivo da oficina era auxiliar na conservação do meio ambiente enquanto espaço de manutenção do modo de vida indígena; Conscientizar acerca do respeito pelo ciclo ecológico dos peixes; Garantia de recursos pesqueiros para as futuras gerações, assim como dos conhecimentos a eles relacionados; (como Lendas, saberes quanto a captura e comportamento dos peixes, entre outros), e Identificar as representações culturais dos recursos pesqueiros.

Os participantes da oficina, realizaram todas as atividades que foram proposta, onde os foram elaborados matérias como: grafismo e desenhos dos recursos pesqueiros e aquáticos comuns na região da terra indígena Juminã, lendas e surgiu relatos contados pelas pessoas mais velhas das comunidades como era os costume na aldeia anteriormente e o que mudou com o passar do tempo.

O que chamou atenção foi um momento em que os participantes fizeram uma dura crítica ao modo da captura dos recursos pesqueiros, tal comportamento estava ocasionando o desaparecimento de algumas espécies na região. Foi discutido, nesse momento, soluções para a preservação das espécies.

No intervalo das atividades, novamente foi aplicado uma entrevista via questionário e o resultado foi de 100%. Todos os entrevistados falaram da importância de se conservar os recursos e afirmaram que já observam o declínio de várias espécies meu ponto de vista a oficina foi de suma importância para a comunidade, onde pude notar o encontro de saberes, o conhecimento amplo que os moradores possuem em relações ao recurso naturais.

No dia 16 de maio de 2016, às 19h30min até 21h45min, foi realizada a reunião com os membros da comunidade de Kunanã, para firma o acordo interno. Ficou

acordada a proibição de venda externa de recurso aquáticos (tracajá, Jacaré e peixes) na região da Terra Indígena Juminã. Ficou proibido o uso de malhadeiras (tramalho) e tarrafas. Nesse acordo, foi firmado uma pesca máxima de 5k por família e caso a pesca for para venda interna poderá ser pescado um máximo de 10 quilos, desde que sejam utilizados apetrechos de pesca tradicionais (Anzol, Zagaia e Arco e flecha).

Estes termos serão cumpridos durante dois anos (2017/2018). Após o período preestabelecido de dois anos, caso os recursos pesqueiros apresentem um aumento significativo, a captura poderá passar de 10k por família, somente para consumo e venda interna. A venda de recurso aquático para o público externo a Terra Indígena Juminã continuará proibida.

Na aldeia Uaha foi realizada no dia 20/03/2016 com início às 9:00h terminando às 12:00hrs, com membros da comunidade e a presença dos órgãos Federais IBAMA e FUNAI, onde os mesmos acordos acima foram firmados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações etnoecológicas que os indígenas da Terra Indígena de Juminã possuem é dinâmico e envolve pesquisa, experimentação, observação, raciocínio, especulação e intuição. Em vista de a pesca ser a principal fonte de proteína para subsistência e/ou comercialização, os Indígenas das comunidades de Kunanã e Uaha têm um patrimônio rico em detalhes e, na maioria das vezes, concordantes com observações científicas.

Tal patrimônio de saberes que os pescadores apresentam sobre comportamento, hábitos alimentares, reprodução e ecologia dos peixes, amplia o conhecimento sobre o ambiente, território e seus recursos naturais. Assim, concluímos que a sobrevivência biológica e cultural dos indígenas das aldeias de Kunanã e Uaha tem relações estreitas com componentes bióticos e abióticos existentes na região.

Todo esse conhecimento construído diariamente durante anos em contato direto com os recursos pesqueiros, por estarem embasados na realidade local, deve ser usado como subsídio para programas e ou projetos ambientais e de conservação e manejo. Nesse sentido, os resultados do presente estudo foram o caminho inicial para a conscientização dos indígenas, elaboração e assinatura do primeiro acordo de pesca da Terra indígena de Juminã.

É importante destacar que para o acordo interno continua dando resultados positivos, tem que haver ações de conscientizações constantes nas aldeias relacionados a preservações dos recursos naturais da valorização dos costumes tradicionais indígenas e a educação escolar pode ser uma aliada nessa caminhada.

Concluímos com a fala do Cacique Silvio em uma última reunião do projeto junto a FUNAI e IBAMA ” de grandes predadores como ainda somos conhecidos lá fora, estamos passando para sermos grandes preservadores dos recursos naturais e ainda dá tempo de ajudar a natureza a se recuperar ”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, V. S.; ISSAC, V. J. e VIANA, J. P. "Exploração e manejo dos recursos pesqueiros da Amazônia". Em Rufino, M. L. (ed.). A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. ProVárzea. Manaus, Ibama, 2004, pp. 63-152, 268 p

BARTHEM, R. B. & GOULDING, M.. Os bagres balizadores: Ecologia, migração e conservação de peixes amazônicos. Sociedade Civil Mamirauá, Brasília, 1997. 140 p.

BATES, H. W. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. Universidade de São Paulo, 1979. 300p.

PEZZUTI, J.; CHAVES, R.P. Etnografia e manejo do recursos naturais pelo índios Deni, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*, 2009. v. 39(1): 121-138.

Plano de Vida dos Povos e Organizações Indígenas de Oiapoque. APIO, 2009.

Castro, F.; McGrath, D. O Manejo Comunitário de Lagos na Amazônia. **Parcerias Estratégicas**.12. 113-126 p. 2001

CRAMPTON, W. G. R. "Plano de manejo preliminar para o uso sustentável de peixes ornamentais na Reserva Mamirauá". Em QUEIROZ, H. L. e CRAMPTON, W. G. R. (eds.). Estratégias de manejo para recursos pesqueiros na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Brasília, MCT-CNPq/ Sociedade Civil Mamirauá, 1999, pp. 159-176.

FERNANDES-PINTO, Érika; MARQUES, José Geraldo W. Conhecimento Etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba (PR). In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). Enciclopédia Caiçara 1: O olhar do pesquisador. São Paulo: HUCITEC, NUPAUB/CEC, 2004. p. 163-190.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. "Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia" in Conflitos Ambientais no Brasil. ACSELRAD, Henri (org.), Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Heinrich Boll, 2004, pp.57-71.

HARTMANN, Wolf D. "Conflitos de pesca em águas interiores da Amazônia e tentativas para sua solução" in Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. NUPAUB - USP. São Paulo: 2001, pp.125-138.

OVIEDO, A. F. P.; BURSZTYN, M.; DRUMMOND J. A. 2015. Agora Sob Nova Administração: Acordos De Pesca Nas Várzeas da Amazônia Brasileira. *Ambiente & Sociedade*, v.18I, n. 4 n p. 119-138.

SANTILLI, Juliana. **Conhecimentos Tradicionais Associados à Biodiversidade: Elementos para a Construção de um Regime Jurídico *Sui Generis* de Proteção.** In: VARELLA, Marcelo Dias & BARROS-PLATIAU, Ana Flávia (Org.). *Diversidade Biológica e Conhecimentos Tradicionais* (Coleção Direito Ambiental, 2). Ed. Del Rey: Belo Horizonte, 2004.

JAIME R. CARVALHO JR.; MARIA DE J. DA C. FONSECA; ANDRÉ R. DE SANTANA; LUIZA NAKAYAMA. O conhecimento etnoecológico dos pescadores yudjá, Terra Indígena Paquicamba, Volta Grande do Rio Xingu, PA, *Tellus*, ano 11, n. 21, p. 123-147, jul./dez. 2011.

POSEY, Darrell. Conseqüências da presença do Índio Kayapó na Amazônia: recursos antropológicos e direitos de recursos tradicionais. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Amazônia: estado, homem, natureza*. Belém: Cejup, 1992.

ROOSEVELT, C.; HOUSLEY, R. A; IMAZIO DA SILVEIRA, M.; MARANCA, S. e JOHNSON, R. "Eighth Millenium Pottery from a Prehistoric Shell Medden in the Brazilian Amazon". *Science*, n. 254, 1991, pp. 1621-1624.

PETREIRE JR., M. Nota sobre a pesca dos índios Kayapó da aldeia de Gorotire, rio Fresco, Pará. *Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi*, 1992. 6(1):5-17.

ENDO, W. *Campinarana e índios Baniwa: Influências ambientais a culturais sobre a comunidade de vertebrados terrestres no alto rio Negro, AM*. 2005. Dissertação de Mestrado. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Manaus.

MERONA, B. Pesca e ecologia dos recursos aquáticos na Amazônia. IN: Furtado, L.G.; Leitão, W. & Mello, A. F. de (ed.) *Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi. 1993. pp. 159-

FONTES ORAIS

Entrevista concedida por VIDAL, Joaquina. Entrevista Marco. 2015]. Entrevistador: Priscila Barbosa de Freitas município de Oiapoque - AP, 2015. 1 arquivo .mp3 (13 min.).

Entrevista concedida por VIDAL, Joaquina. Entrevista Marco. 2015]. Entrevistador: Priscila Barbosa de Freitas, município de Oiapoque - AP, 2015. 1 arquivo .mp3 (10 min.).

Entrevista concedida por AMARAL, Edilson Palmerim. Entrevista Novembro. 2013]. Entrevistador: Priscila Barbosa de Freitas aldeia Kunanã, município de Oiapoque - AP, 2013. 1 arquivo .mp3 (10 min.).

Entrevista concedida por SANTA ROSA, Domingos. Entrevista outubro. 2015]. Entrevistador: Priscila Barbosa de Freitas município de Oiapoque - AP, 2015. 1 arquivo .mp3 (20 min.).

Entrevista concedida por VIDAL, Ubirajara . Entrevista novembro. 2015]. Entrevistador: Priscila Barbosa de Freitas aldeia Kunanã - AP, 2014. 1 arquivo .mp3 (13min.).

APÊNCICES

APÊNCICE I - QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1. Você gostaria que houvesse um acordo interno de preservação dos Recursos pesqueiros em época de reprodução?
☐ sim
☐ Não
☐ outros_____
2. Atualmente houve a diminuição de alguma espécie de peixe . Que ante tinha em grande quantidade e atualmente se torna difícil a captura.
☐ sim
☐ Não
☐ outros_____
3. O que levou a difícil captura das espécies ao redor da comunidade.
☐ A captura em grande quantidade, sem manejo
☐ A falta de acordo interno para preservação dos recursos pesqueiros
☐ A captura com material de pesca industrializado(tarrafa, tramalho)
☐ outros_____
4. Quais são espécies de peixes que atualmente se torna difícil a captura?

5. Em seu conceito por que é importante a preservação dos recursos pesqueiros na comunidade?

6. Se não houver um acordo interno, você acha que pode haver a extinção dessa espécie em sua região ?
☐ sim
☐ não
☐
outros_____

**PÊNDICE II - OFICINA: SOBRE RECURSOS PESQUEIROS NA TERRA
INDÍGENA JUMINÃ COMUNIDADE INDIGENA DE KUNANÃ E UAHA.**

**ESTADO DO AMAPÁ
MUNICÍPIO DE OIAPOQUE
TERRA INDÍGENA JUMINA**

PRISCILA BARBOSA DE FREITAS

**OFICINA: SOBRE RECURSOS PESQUEIROS NA TERRA INDÍGENA JUMINÃ
COMUNIDADE INDIGENA DE KUNANÃ E UAHA.**

Oiapoque-AP, 21 de março de 2016.

Nos dias 15 a 16 de março de 2016 foi realizada a oficina sobre recursos pesqueiros na terra indígena Juminã aldeia Kunanã , ministrada por

Priscila Barbosa de Freitas e Edson dos Santos Figueiredo acadêmicos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena área de Ciências Exata e da natureza com membros da comunidade de Kunanã e Uaha, com objetivo de que comunidade conheça a importância dos recursos pesqueiro e firme acordos internos para preservações das espécies de recursos aquáticos como **tracajá e jacaré** e pesqueiros comuns na região da terras indígena Jumina.

Auxiliar na conservação do meio ambiente enquanto espaço de manutenção do modo de vida indígena, Conscientizar acerca do respeito pelo ciclo ecológico dos peixes e garantia de recursos pesqueiros para as futuras gerações, assim como dos conhecimentos a eles relacionados e Identificar as representações culturais dos recursos pesqueiros. A oficina foi ministrada para discentes do ensino fundamental de 6º a 8º e ensino médio(onde a maioria dos estudantes são pais de família) e para membros das comunidades os que não puderam participar foi feita entrevista paralelas com os pais de família. Onde 100% estavam cientes da diminuição do recurso pesqueiros nos últimos 10 anos e já tinha ideias que buscar alternativas para preservar as espécies que estavam diminuindo. Mediante as entrevista foi solicitado uma reunião para firmas os acordos.

No decorrer da oficina foi levantado vários materiais pelos participantes que servirão para uma discursão maior , levada para reunião com todos os membros da comunidade para discutir acordo interno sobre a preservação dos recursos pesqueiro. As reuniões foram feitas em duas etapas a primeira foi em kunanã e segunda em Uaha.



No dia 16 dias as 19h30min até 21h45min, foi realizada a reunião com os membros da comunidade de Kunanã, para firma acordos interno, onde ficou acordado a proibição de venda externa de recurso aquáticos (tracajá e Jacaré) e pesqueiros comum na região da Terra Indígena Jumina, o uso de malhadeiras (tramalho) e tarrafas e a pesca mínima por dois anos **(2017/2018)** no período de reprodução **(dezembro, janeiro e fevereiro)**, das espécies de recursos aquáticos e pesqueiros **(Croari, Apaiari, tucunaré, tamuatá, traíra, piranha, Aruanã, dê xê , tracajá e jacaré).**



Na aldeia Uaha foi realizada no dia 20/03/2016 com inicio as 9:00hrs termino os 12:00hrs, com membros da comunidade onde os mesmos acordos acima foram firmados. Ressalto que os acordos servirão para as duas comunidades da terra indígena juminã.



No dia 18 março, foi realizado conversas paralelas com moradores da aldeia Uaha antes da Reunião para firma os acordos. Por falta de disponibilidade de alguns moradores para participar da oficina na aldeia Kunanã , por muitos estarem ocupados em mutirões na comunidade.



Conforme ao relatório informo a FUNAI que a Terra Indígena Jumina vai lutar para manter acordo interno e solicitamos a presença da **FUNAI, IBAMA** e **outros parceiros** que podem nos ajudar na caminhada para preservação dos recurso naturais. Firmamos uma data solicitando a presenças dos parceiros citados acima no dia **12 de abril de 2016** na aldeia Kunanã.

Informo também que esse foi um processo longo que começou no segundo semestre de 2013 com conscientização dos pais de família vendiam os recurso pesqueiros no mercado externo em grande quantidades e em seguida com as lideranças das duas comunidades, no segundo semestre de 2015 conseguimos inibir algumas retiradas de peixes, sabermos que o caminhada será longa , esse relatório tem outro material bem mais fundamentado que o Trabalho de conclusão de curso-TCC , **Acordos Sobre os Recursos Pesqueiros na Terra Indígena Jumina.**

APÊNDICE III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**PESQUISA: CONHECIMENTO ETNOECOLÓGICO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS NA TERRA INDÍGENA JUMINÃ**

As informações contidas nesta folha, fornecidas por **PRISCILA BARBOSA DE FREITAS** têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).

1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: pactuar acordo interno dos recursos pesqueiros na região para poder garantir a existência desses recursos para as futuras gerações.

2) Participantes da pesquisa: Serão os moradores das aldeias de Kunanã e Uaha, da Terra Indígena de Juminã

3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você autoriza a utilização dos dados coletados. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do coordenador do projeto.

4) Sobre as coletas ou entrevistas: As Aplicações de questionários para os moradores.

Reuniões com membros das comunidades; Oficinas sobre os recursos pesqueiros na TI Juminã e Reunião com FUNAI e IBAMA.

5) Riscos e desconforto: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF. Não serão oferecidos nenhum risco ou desconforto aos participantes

7) Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

8) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

9) Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

10) Liberdade de recusar ou retirar o consentimento: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalizastes.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que a participação de, sob minha responsabilidade, é voluntária, e que ele(a) pode sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Belo Horizonte, ____/____/____

Telefone para contato: _____

Nome do Voluntário: _____

Assinatura do Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Assinatura _____ do _____ pesquisador
assistente: _____

Contatos: NOME E TELEFONE DOS PESQUISADORES:

Apêndice IV – Assinatura do acordo de pesca com as comunidades, FUNAI e IBAMA.

Aldeia Hunorã. 12 de abril de 2016

Reuniao com representantes da FUNAI e IBAMA.

1. Edilson Polmerim Amoral
2. Granger Vidal da Silva
3. Erica dos Santos Figueiredo
4. Eudina dos Santos Figueiredo
5. Gisela Forte Vidal
6. Benedito Dama
7. Edielso dos S. Figueiredo
8. Ubiratã Vidal de Figueiredo
9. Edson dos Santos Figueiredo
10. Gil do Seão
11. Relpison Narciso dos Santos
12. Jaime Nunes Andre
13. Rômulo Sebastião
14. Getulio dos Santos Forte
15. Nilson S. Figueiredo
16. João Barbosa de Freitas
17. Prudson Forte Vidal
18. Pedro Nunes Vidal
19. Eduardo Joli
20. Marilda dos Santos Forte
21. Essivaldo Nunes Figueiredo
22. Aldemar Nunes da Silva
23. Edivaldo Forte dos Santos
24. José Batista
25. Antônia dos S. Karipuna
26. Fábio Silva Gabriel
27. Edelson Nunes da Silva - cacique Aldeia UHAH'
28. Oaki Nunes Maciel AI ALDEIA UHAH'
29. Gilmar Nunes Andre
30. Manuel Nunes
31. E. Silva Nunes Silva

32. Andreia das santos.
 33. Ediane vidal Amaral.
 34. Glen Vidal de Figueiredo
 35. Suelly Vidal de Figueiredo
 36. Sebastiana Vidal de Figueiredo
 37. Maria Labonte
 38. Fabiola Severino de Figueiredo
 39. Josimar Labonte Vidal
 40. Luciana S. Vidal
 51. Silvio Nunes Vidal. Corioque
 52. Guisaila B. de Furtos
- Convidados.
- (Hono/da do Santo ~~Videira~~ / FUNAS
- Joenes Antonio Guimeraes Pereira / FUNAS
- Cleuton P. Miranda - Pedras
- Iracem Gabriel V. Silva - Pedras
- Mônica Magalhães Barbosa / IBAMA/DPA

Aldeia Uaha. 20 de março de 2016 09:00 horas

Reunião com membros da comunidade para falar
dos acordos internos sobre o Recurso Pesquisador.

- 1: Marcos Nunes Maciel
- 2: José Augusto Gabriel
- 3: Adenildo F. da Silva
- 4: Manoel Nélvis da Silva
- 5: Gilmar Narciso Teiô
- 6: Graçimar Nunes Silva
- 7: Zenildo Vidal
- 8: Ivonete Nunes da Silva
- 9: Yocimar Narciso Teiô
- 10: Marcílio Tomaz
- 11: Diana do Nascimento Teixeira
- 12: Mirleide Nunes Figueiredo
- 13: Lucineide Nunes da Silva
- 14: Marcelina Nunes da Silva
- 15: Walter Silva Gabriel
- 16: José Batista
- 17: Gilmar Nunes André
- 18: Gaitã Silva Batista
- 19: EDEVALDO FORTES DOS SANTO
- 20: Somail Nunes da Silva
- 21: Morimolvo Nunes Silva
- 22: Edelson Nunes da Silva cacique da Aldeia UAHÁ
- 23: DAVI Nunes Maciel ATA.

Rumorã, 16 março de 2016

Oficina sobre Recursos Humanos

- 1: Ivonilson dos Santos Forte 1º ano do Ensino médio
- 2: Valmir Nunes Figueiredo 1º ano do Ensino médio
- 3: Romildo Soderino
- 4: Rosimere Nunes Figueiredo
- 5: ALDAIR Nunes da Silva 8º Série
- 6: Denilson Nunes da Silva 7ª Série
- 7: Gardeson Nunes Figueiredo 2ª série
- 8: Gabriela Vidal dos Santos 5ª Série
- 9: Eticia Leane Vidal 5ª Série
- 10: Bruno Lobato Vidal 5ª Série
- 11: Luciana S.V. Figueiredo 5ª Série
- 12: Denise M. Dos Santos Vidal
- 13: Mirleide Nunes Figueiredo
- 13: Brucineide Nunes da Silva
- 14: Douglas Nunes Fermiano: 6º ano
- 15: Gislain Isabel Gabriel
- 16: Elberson Nunes Figueiredo 7ª Série
- 17: Cislain Forte Vidal
- 18: Edna Nunes Vidal
- 19: Getúlio dos Santos Forte 1º ano
- 20: Suelly Vidal de Figueiredo
- 21: Marilda dos Santos Forte
- 22: EMERSON VIDAL AMARAL

Kumã dia 16 de março de 2016

Reunião com a comunidade para falar
de acordo interno na terra Indígena Juminã

1. Silvio Nunes Vidal
2. Arterisa dos Santos Karipuna
3. Mineltrina Nunes
4. Manoel Oliveira
5. Pedro Nunes Vidal
6. Erica dos Santos Figueiredo
7. Eriane dos Santos Figueiredo
8. Maria Labonte
9. Jesimar Labonte
10. Ivanilson dos Santos Forte
11. ~~Zamaria Tomás~~ ~~Costa~~
12. ~~Adriano~~
13. Fabiola Severino de Figueiredo
14. Relgison Narciso dos Santos (Professor)
15. Jaimy Nunes Andre
16. Edildo Sado
17. Estelito dos Santos Forte
18. Edson Sado Leoncio
19. Luciana S.V. Figueiredo
20. Evelyn Vidal de Figueiredo
21. Edilson dos Santos Figueiredo
22. Euclima dos Santos Figueiredo
23. Gisela Forte Vidal
24. Prudon Forte Vidal
25. Marilda dos Santos Forte
26. Elen Vidal de Figueiredo
27. Sebastiana Vidal de Figueiredo
28. Tiago Barbosa de Freitas
29. Ediane Vidal Amaral
30. Edson Nunes Vidal
31. ~~Adriano~~ Vidal Severino

Oficina Sobre Retornos Pequeno 15/03/2016

Nome	Turno
1: Ivanilson dos Santos Forti.	1º ano ensino médio
2: Denilson Nunes da Silva	7ª Série
3: Aldair Nunes da Silva	8ª Série
4: Reinaldo Júnior Silva	7ª Série
5: Jorleson Nunes Figueiredo	2ª Série
6: Rizele Forte Vidal.	7ª Série
7: Talita Silva Batista	7ª Série
8: Douglas Nunes Fermino	5ª Série
9: Bruno Roberto Vidal	5ª Série
10: Mirleide Nunes Figueiredo	
11: Lucineide Nunes da Silva	
12: Denise Mirella dos Santos Vidal	
13: Elaine Serzerino de Figueiredo	
14: Nilza S. Figueiredo	
15: Erika Z. Gabriel	
16: Emerson Vidal Amaral	
17: Ediane Vidal Amaral	1º ano ensino médio
18: DAVI Nunes Maciel 9º ANO	
19: Elmy Vidal de Figueiredo	
20: Leticia Leoncio Vidal	5ª Série
21: RAFAEL WAAL Serzerino	
26: Marilda dos Santos Forte	
27: Getúlio dos Santos Forte	1º ano
28: Edna Nunes Vidal	
29: Suelly Vidal de Figueiredo	
30: Ediane Vidal Amaral	
31: Marilda dos Santos Forte	